



## PO-EX 70/80 – ARQUIVO DIGITAL DA LITERATURA PORTUGUESA: DA POESIA SONORA E VISUAL À CIBERLITERATURA

Débora Cristina Santos e Silva<sup>1</sup> - UEG

Grupo de Trabalho - Comunicação e Tecnologia  
Agência Financiadora: PROBIP-UEG/FAPEG

### Resumo

Este artigo apresenta resultados do *Projeto PO-EX 70/80 – Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa*, desenvolvido pelo Centro de Estudos de Cultura, da Linguagem e do Comportamento (CECLICO), da Universidade Fernando Pessoa, em Porto-Portugal, entre 2008 e 2014. O projeto promove ações efetivas de pesquisa com vistas à digitalização, conservação, enquadramento teórico e disseminação do acervo literário da poesia experimental portuguesa, produzida entre as décadas de 1970/80. Sob essa perspectiva, o projeto defende a hipótese central de que existe uma relação intrínseca entre as poéticas do concretismo e do experimentalismo literário, enquanto estéticas modernas, e as poéticas digitais contemporâneas. Discute os recursos estético-formais do ciberespaço, que viabilizam a criação de uma “poética do pixel”, pela qual o computador - utilizado não somente como ferramenta e/ou suporte, mas enquanto máquina semiótica - amplia infinitamente as possibilidades de criação e recepção da obra literária. Objetiva discernir as interfaces do poético no ciberespaço, destacando a relevância da fruição estética nos vários contextos sociais e veículos midiáticos. Busca demonstrar as vivências possíveis de leitura e apreciação estética que estas oferecem ao utente/leitor para o exercício da criatividade e da autonomia. O interesse pela Poesia Experimental (PO-EX) se justifica, uma vez que o experimentalismo surge como um dos mais expressivos meios de superação dos limites a que uma teorização dos gêneros parecia ter reduzido a literatura ocidental. Tendo em vista a relevância desse trabalho, nosso papel tem sido, nos últimos anos, sobretudo, o de disseminar este projeto e seus resultados. Para isso, o projeto disponibiliza, ainda, à comunidade acadêmica, bem como aos professores e alunos da Escola Básica, uma plataforma virtual propícia à interação, apreciação estética, ensino e aprendizagem de ciberliteratura: <http://www.po-ex.net>.

**Palavras-chave:** Cibercultura. Ciberliteratura. Poesia Experimental. Poéticas digitais.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/2002), com Estágio Pós-Doutoral em Literatura e Hipermedia na Universidade Fernando Pessoa, Porto/Portugal (Bolsista CAPES/2010). Professora do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT) e do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pesquisadora da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia (FAPEG/2007-2013) e do Projeto PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (FCT/PTDC/CLE-LLI/098270/2008-2014). Bolsista PROBIP/UEG e coordenadora do projeto Ensino, processos interacionais e múltiplas linguagens na cibercultura (UEG/2013-2015) /e-mail: deboraphd@gmail.com.

## Introdução

Tendo em vista os registros históricos e antropológicos, não restam dúvidas de que o desenvolvimento da Humanidade tem sido marcado intrinsecamente pelas configurações da linguagem e as condições comunicativas das vivências sociais do homem. A esse respeito, Castells (2007, p. 413) chama atenção para o fato de que, “por volta do ano 700 a.C., ocorreu um importante evento na Grécia: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência que conhecemos hoje.” No mesmo texto, assinala ainda o autor que “uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2.700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa”. Em outras palavras, dá-se a irrupção, em termos socioculturais, de um hipertexto e de uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra, num mesmo sistema, as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. Esse momento histórico de grande mudança interfere em como se dão os processos de comunicação nas relações interpessoais. Assim, escrever, produzir textos e, conseqüentemente, produzir literatura, nesse contexto, consiste em ações que passam por uma (re)contextualização, em decorrência da presença do computador e da Internet, enunciada por Castells (2007, p. 415) como “um hipertexto e uma metalinguagem”.

Por conseguinte, Hobsbawm (2001), ao elaborar uma reconstrução histórica do século XX, tece algumas considerações sobre as artes no início da década de 1990, por ele interpretada como o fim daquele século. O historiador percebia, a partir do aparecimento da televisão, uma forte mudança na produção artística, apontando a difusão e popularização das obras e de seus autores, de maneira ágil e global. Mesmo em uma análise que antecede à Internet e às mídias sociais, esse autor prenunciava a quebra da linearidade e da sequencialidade das narrativas, considerando, inclusive, os curtos vídeos publicitários como uma demonstração dessa tendência.

O momento histórico subsequente ao descrito por Hobsbawm (2001) é de mudança ainda mais radical, o que interfere em como se pensam e se efetivam os processos de comunicação social. Seus estudos assinalam que os processos sociais como um todo são alterados pelas técnicas que se desenvolvem e compõem o mundo de 1990 e dos anos 2000. Lévy (1999) já percebia isso, cerca de duas décadas atrás, apontando para a irrupção de uma nova cultura, por ele denominada “Cibercultura”, assim como de uma relação com o saber e a informação até então inédita, uma vez que, conforme adverte o autor, “a emergência do

ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas.” (LÉVY, 1999, p.25). É assim que, se as tecnologias mostram-se condicionantes da vida social e de tudo que é inerente a ela, as expressões literárias estão no bojo desse condicionamento, da mesma maneira que as outras artes. Surgem, então, modalidades de escrita e de leitura condizentes com a época em que se vive. A Ciberliteratura, conforme se configura hoje, é uma constatação desse fenômeno. Diante desse quadro cada vez mais definido por uma efetiva expansão das possibilidades da linguagem e das formações discursivas, no contexto da Hipermídia, impõe-se, naturalmente, a necessidade de se pensar no registro das produções literárias que constroem a memória cultural de nosso tempo. Como favorecer às gerações futuras o dialogar com a geração presente por meio de produções que, ao longo de um processo de criação e (re)criação, perfazem o construto cultural de nossas vivências históricas e sociais?

Efetivamente, a iniciativa de compreender a emergência de criações digitais, marcadas por construções híbridas e pela confluência das múltiplas linguagens que se configuram em novos processos comunicativos, no âmbito da sociedade em rede, tem motivado muitas frentes de pesquisa no meio acadêmico. Nesse contexto de discussões é que desenvolvemos nossa pesquisa de pós-doutoramento no Centro de Estudos de Cultura, da Linguagem e do Comportamento (CECLICO) da Universidade Fernando Pessoa, em Porto-Portugal, o que nos possibilitou novas experiências, concretizadas também em outros países, a exemplo da Espanha, Argentina e Chile, o que serviu para nos apontar alternativas de revisão de conceitos, de compreensão da realidade e de encontrar novas estratégias metodológicas para alcançar a educação estética por meio da fruição da Ciberliteratura.

O projeto se destina, sobretudo, à divulgação da produção literária lusófona contemporânea, em seus mais diferentes aspectos (estéticos, ideológicos, socioculturais e históricos), tendo em vista um fazer que conjuga múltiplas linguagens e formas de interação e intervenção do leitor no texto e no mundo em que vive. Os resultados dessa pesquisa estão disponíveis na plataforma digital do projeto PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (FCT/PTDC/CLE-LLI/098270/2008) - fomentado pela FCT e União Europeia (Cf. [www.po-ex.net](http://www.po-ex.net)).

## **Ciberliteratura: entre o texto e a tela**

Com o surgimento da WWW e a popularização do *Personal Computer*, a partir dos anos 90 do século XX, as modalidades de texto literário se multiplicaram e se modificaram no ambiente virtual. Assim o delineamento entre textos e elementos que compõem o processo elocucional deixou de ser percebido com demarcações claras, uma vez que os textos digitais ganharam traços de liquidez, sendo extremamente mutáveis e voláteis. Mas, até que ponto a literatura eletrônica se encontra em interação com a mídia computacional e quais os efeitos dessa interação? É o questionamento feito por Hayles (2009). Nesse âmbito, assinala Hayles (2009, p. 61) que “a natureza computacional da literatura do século XXI é mais evidente, porém, na literatura eletrônica. Mais do que ser marcada pela digitalidade, a literatura eletrônica é, de modo ativo, formada pela mesma”.

De fato, não é difícil identificar na Ciberliteratura uma espécie de simbiose entre o autor e o computador, uma vez que este último participa do processo criativo como um dispositivo manipulador de signos verbais e elemento ativo da produção artística. O material fornecido pelo autor para que se inicie a criação da obra é alterado pelo computador (que o processa em linguagem binária), dando-se como resultado algo diferente do que fora apresentado inicialmente. Então, o texto informático que aparece aos olhos do leitor não é, essencialmente, o que está configurado na linguagem da máquina, mas o que se realiza no momento mesmo de sua execução, no momento de sua leitura. É assim que, na visão de Barbosa (2001a), o computador é uma máquina semiótica, uma vez que ultrapassa os limites do simples armazenamento de informações (função que não lhe foi descartada) e, por isso, participa ativamente da ação criativa do texto.

Nessa perspectiva da criação hipermídia, Rui Torres (2010, p.118) esclarece que “a Ciberliteratura designa aqueles textos literários cuja construção concentra exclusivamente em procedimentos informáticos: “combinatórios, multimidiáticos ou interactivos”, o que corrobora a posição de Barbosa. Oferece-nos, ainda, Torres uma útil exemplificação de como essa produção textual pode ocorrer:

Para melhor exemplificar o modo como os computadores modificam e ampliam tanto a leitura quanto a escrita, proponho aqui falar de três posturas possíveis na aproximação da criatividade literária ao meio digital. São elas, em primeiro lugar, o hipertexto e a hiperficção; em segundo lugar, o texto animado, interativo e multimídia; e, finalmente, o texto gerado por computador. (TORRES, 2004, p. 323)

A esse propósito, assinala, ainda, Mourão (2009, p. 14) que “o sistema literário, enquanto social, comunica-se com outros sistemas, sendo desde logo afectado, quer nas suas modalidades enunciativas, quer nas suas funções transversais.” Daí decorre a necessidade de interpretar a literatura digital no contexto das interações sociais e das demandas de leitura que estas acarretam. É exatamente ao avaliar esse estado de coisas que se impõe a necessidade de se (re)definir os parâmetros da leitura literária em meio digital, tendo em vista as condições de produção e recepção do texto eletrônico.

Conforme defende também Mourão (2009, p. 15-16, /grifos do autor/), embora o processo de ler seja linear e sua trajetória irreversível, “a prática hipertextual interrompe essa irreversibilidade mediante um procedimento tecnológico em forma de nós hipertextuais que possibilitam trajetórias ‘multilineares’ de significado [...] A dimensão geométrica do hipertexto permite ao ‘wreader’ assumir o controlo do processo da leitura e da escrita”.

De fato, a textualidade eletrônica instaura um processo de reversibilidade que dinamiza e enriquece ao infinito o ato próprio de leitura. Esse tipo de inscrição coloca de novo, numa nova luz, uma questão que tem perseguido a teorização da literatura: O que é um texto? Na verdade, questões que eram, no domínio do livro, pertinentes, a exemplo de: “Como um texto produz sentido? Quem é o autor? Onde está localizado? Como é produzido, lido e interpretado?” deixam de fazer sentido ou, pelo menos, implicam outros sentidos, ainda pouco explorados no âmbito da teoria literária, no terreno da Ciberliteratura. Por essa razão, Chartier (1998), ao discorrer sobre o texto eletrônico, afirma que é preciso compreender como ocorre a construção de sentido frente a limitações e transgressões. A partir disso será “talvez menos inquietante pesar as oportunidades e os riscos da revolução eletrônica” (CHARTIER, 1998, p. 19).

Nesse contexto que se configura no nível de produção literária digital, a Ciberliteratura ou Literatura Gerada por Computador (LGC) propõe-se a utilizar as potencialidades do computador como máquina criativa para o desenvolvimento de estruturas textuais, em estado virtual, atualizando-as até ao infinito. Esta é, certamente, a interface da literatura mais diretamente ligada aos sonhos da Cibernética e da Inteligência Artificial. Efetivamente, no processo criativo da LGC, o computador funciona como “máquina aberta”, uma máquina em que a informação de entrada (*input*) é diferente da informação de saída (*output*) (BARBOSA, 1998, *on-line*). Nesse processo, o computador passa de instrumento de criação literária a instrumento de leitura, uma vez que a interposição da máquina como manipulador de sinais traduz-se numa nova e necessária atitude do autor e do leitor, em estado

(co)laborativo, “o que pode mesmo exigir um termo novo para designar a figura cooperativa do ‘escriteiro’ (*wreader/laucter*)” (BARBOSA, 2006, p. 37, /grifos do autor/). Nesse ponto da discussão, faz-se necessário esclarecer que:

Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Tal uso criativo do computador é extensível, de forma geral, à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens sintéticas, cinema animado por computador etc). (BARBOSA, 1998, *on-line*)

Nesse contexto de produção literária, a fluidez dos dados e dos relacionamentos – comunicação e deslocamento – na rede e fora dela permite que surjam construtos sociais elaborados a partir de referências múltiplas. Elementos culturais e fatos históricos podem ser ressignificados em novos contextos, sendo incorporados. Diante disso, é vital considerar a construção de pertencimentos calcados em identidades culturais como de grande importância para a compreensão dos fenômenos culturais no final do século XX e início do XXI, vez que se dá uma intensa hibridização de valores, ideais, crenças, entre outros.

Além do emprego dos recursos da informática, a Ciberliteratura é uma produção não linear que pode ser identificada por partilhar das características inerentes à Internet: multimodalidade, temporalidade fragmentária, estrutura em rede, instantaneidade e interatividade com o destinatário (HAYLES, 2009). A escrita no ambiente virtual, em suas diferentes etapas de produção e recepção, apresenta-se com extensa mobilidade, podendo ser descartada e substituída, apropriada e desapropriada, em alta velocidade, mas também em alta voltagem estética. Esse processo de retroalimentação reflexiva, por meio do qual a literatura eletrônica registra os efeitos da mídia e, ao mesmo tempo, a interroga, é fundamental para o potencial que a literatura eletrônica tem de transformar as práticas literárias. (HAYLES, 2009).

Nesse particular, merece uma atenção especial à estrutura em rede, intimamente ligada a ideia de hipertexto. A escrita na Internet é uma produção composta por uma série de “nós” que se intercomunicam, possibilitando vários caminhos a serem seguidos pelo utente-leitor. A intertextualidade é levada às últimas consequências, ocorrendo uma interconexão ampla por meio dos chamados “links” disponibilizados nas páginas dos autores. Dessa forma, surge uma construção coletiva em que o texto ganha dimensões novas, a cada acesso ou caminho percorrido pelo internauta até outros textos.

A leitura é realizada com fluidez, não sendo limitada a uma linearidade ou roteiro pré-estabelecido. Tal recurso já era possível em obras publicadas no suporte tradicional do papel, entretanto estas não ofereciam agilidade na passagem de um texto a outro ou na mudança de um suporte a outro. Agora, a rede de computadores trouxe alterações significativas, uma vez que nos apresenta um texto em camadas, multimodal e proteiforme, segundo as especificidades destacadas por Pedro Barbosa:

O circuito comunicacional da literatura encontra-se assim alterado, tanto do lado da criação como do lado da recepção. O acto de leitura, enfim, pode tornar-se interactivo, envolvendo a participação do leitor na co-criação do texto final mediante um processo simultâneo de escrita-leitura: a *escrileitura* [...] De instrumento de criação literária, o computador passa a ter também um papel como instrumento de leitura: a interposição da máquina, como manipulador de sinais e extensor de complexidades, traduz-se assim necessariamente numa nova atitude do autor e do leitor face à obra computacional. (BARBOSA, 1996, p.2)

Desta forma, para o ciberpoeta contemporâneo, o trabalho cooperativo do leitor com o autor pela linguagem é de fundamental importância, haja vista que

[...] entre o poeta e a linguagem, o leitor do poema deixa de ser o consumidor para se incluir como latência de uma linguagem possível. [...] Entre a linguagem da poesia e o leitor, o poeta se instaura como o operador de enigmas, fazendo reverter a linguagem do poema a seu eminente domínio: aquele onde o *dizer* produz a reflexividade. Parceiros de um mesmo jogo, poeta e leitor aproximam-se ou afastam-se conforme o grau de absorção da/na linguagem. (BARBOSA, J. A. 1986, p. 14)

Efetivamente, nessa proposta, a criação poética pode ser realizada por duas vias não excludentes. Por um lado, o ciberpoeta e/ou *webdesigner* pode experimentar com os conteúdos e formas conhecidas, aplicando algoritmos ou modelos interativos, transpostos das novas mídias da informação e da comunicação (as TIC ou as TDIC); por outro, explorar a possibilidade experimental direta desses multimeios, procurando descobrir suas formas de expressão (PADIN, 2002).

É assim que, na Ciberliteratura, é notável a quebra de fronteiras entre autor, texto e leitor, como também entre um texto e outros textos disponibilizados na Internet (um hipertexto por natureza). A dicotomia tempo-espaço também é rompida, pois as obras disponibilizadas são captadas pelo receptor instantaneamente. No enunciado de Amaral (2008, p. 48) sobre esse fenômeno, a autora constata que “o mundo contemporâneo caracteriza-se por transformações aceleradas da noção relacionada ao tempo, ao espaço e à individualidade. Todas elas abrigam a figura do excesso, característico da supermodernidade”. Esse processo de desvinculação dos parâmetros de tempo e espaço, e de

fusão de individualidades, tem condicionado o que se define como o fenômeno da “Interterritorialidade”. É nesse novo *Zeitgeist*, que Amaral (2008) redefine o papel do artista. Nesse contexto de produção e recepção colaborativa, para a autora, a

[...] ‘interterritorialidade’ operou uma ideia de que o papel do artista é criar uma arte que provoca o processo de pensar, de arte comprometida com a criação de uma linguagem da percepção, que permite a flutuação da informação entre sistemas estranhos um ao outro, eliminando fronteiras para provocar novas associações e analogias. (AMARAL, 2008, p. 55 /aspas da autora/)

Essa postura participativa do artista se percebe muito claramente nas produções dos web-poetas contemporâneos, a exemplo de Antero de Alda, Rui Torres, E.M.de Melo e Castro e Pedro Barbosa, construída em parceria com o leitor e disseminada (no sentido mesmo de “semeadura”) pela Web. E é dessa forma que a Ciberliteratura se faz como um componente importante da Cibercultura, sendo simultaneamente *input* e *output* das realidades existenciais contemporâneas.

### **Do visual ao digital: experimentações poéticas**

Ao abordar esse tema, é preciso admitir inicialmente as transformações estético-formais que acarretaram, na cultura ocidental, a passagem da palavra à imagem, do texto impresso à tela do computador, num processo vertiginoso, desencadeado a partir do experimentalismo fecundo das vanguardas modernistas. Tal processo foi-se acentuando à proporção que as tecnologias de informação e as mídias digitais se aperfeiçoaram, sobretudo depois da década de 90, com a popularização do computador pessoal e o surgimento da rede mundial de computadores (WWW). Antes, porém, nas décadas de 50 e 60, o movimento da poesia concreta já trazia consigo o gérmen das produções de infopoesia que surgiriam posteriormente, uma vez que a poesia visual desse período já antecipava sua inclinação dominante de “transcender a página escrita” e se aventurar pelos espaços da Hipermédia.

Uma evidência que se tem consolidado gradativamente é que, com o advento da Internet, vivencia-se, cada vez mais, a linguagem e o ato comunicativo em rede. Isso acabou por subverter as fronteiras existentes entre emissor e receptor, o que, conseqüentemente, afeta as produções poéticas atuais. E é justamente no domínio dessas produções que abrem um espaço de diálogo intermédia – a videopoesia, a holo e a biopoesia, a hiperficção e a LGC (Literatura Gerada por Computador) — que nos encontramos com poetas luso-brasileiros contemporâneos, a exemplo de E. M. de Melo e Castro e Pedro Barbosa, Eduardo Kac e



Arnaldo Antunes, integrantes de uma geração que renova o fazer poético, mantendo, no entanto, o respeito à tradição e a tudo o que ela nos legou

Para interpretar adequadamente o fenômeno da poesia digital e da Ciberliteratura atual, mostra-se necessário compreender sua herança estético-formal, que remonta às estéticas experimentais, a exemplo do Concretismo, no Brasil, e da Poesia Experimental portuguesa. Isso se justifica em razão do movimento da Poesia Concreta, alimentado pela produção poética e crítica de relevantes precursores, como Mallarmé, Ezra Pound, Apollinaire e Cummings, foi determinante para traçar o perfil de uma nova poesia, marcada por novos recursos retóricos: a evolução crítica de formas (a palavra-viva), o uso do espaço gráfico como agente estrutural do poema, a criação de ideogramas, do poema-objeto e verbivocovisual, o uso de isomorfismos, entre outros. Nesse formato, a poesia apresentava uma linguagem concisa e objetiva e o poema concreto era feito para ser “visto” como um todo homogêneo e fragmentário. (FINIZOLA, 2004).

Além disso, a revolução técnico-científica que o mundo vem experimentando nos últimos 30 anos, transformou as artes, sobretudo no que diz respeito ao terreno ainda indefinido do ciberespaço, abrindo caminhos para a exposição da criatividade e para a valoração crítica. Dessa forma, superando a construção imagética por meio do fonema, como unidade mínima de significado, a linguagem poética persegue outros recursos de significação, a exemplo do som, do movimento, da imagem visual, da taticidade do poema, recriando formas que aglutinam diferentes sentidos e recursos retóricos, numa performance *cineverbivocovisual*. E nesse novo contexto da websemântica, aparece um elemento significativo na construção da ciberarte e da infopoesia: o *pixel*.

O pixel é o menor componente de uma imagem digital. Assim, quanto maior for o número de pixels na horizontal e na vertical, maior será a resolução visual da imagem. Como a menor unidade visual proporcionada pela Hipermédia, torna-se também a menor unidade de construção infopoética. Enquanto unidade de energia luminosa, portanto imaterial, de dimensão zero, é capaz de gerar imagens de dimensões inteiras e também de dimensões não-inteiras, como os fractais. (CASTRO, 1997).

No circuito infopoético, o pixel, ao ser incorporado como matéria prima das criações digitais, passa a ter *status* de linguagem. E é com essa configuração que o web-poeta português E.M. de Melo e Castro - um dos pioneiros da produção literária digital - em seu processo de criação, instaurou o que ele chama de “Poética do Pixel”. Essa poética, ao produzir sensações por meio da construção de imagens imateriais, é capaz de modificar a

percepção, tanto do operador que as produz como dos destinatários fruidores, potencializando a capacidade do operador e elevando o grau da complexidade da fruição estética em níveis ilimitados. Nesse contexto de criação literária, a função do autor se relativiza, pois seu trabalho torna-se tangencial e inesperado. Se o processo em si não contém a noção de fim, já que, pela mobilidade própria dos pixels, as infoimagens podem ser transformadas constantemente. Então, cabe ao autor-operador a função de conduzir a intencionalidade do processo e de exercer, ao mesmo tempo, a crítica dos resultados visuais obtidos (CASTRO, 1997).

Mas a atitude experimentalista dos poetas precedentes indica que “a poesia vanguardista do princípio do século XX, sobretudo, a concreta, já anunciava uma espécie de poética pré-digital, nomeadamente ao propor uma separação, através da colagem, de todos os elementos que as tecnologias multimídia com facilidade (e necessariamente) hoje isolam.” (TORRES, 2010, p.1). Ademais, não podemos esquecer que uma das propostas do experimentalismo literário do século XX foi precisamente a abertura de um espaço lúdico, onde o leitor pudesse se envolver, de maneira pragmática, confrontando a ideia não somente da arbitrariedade dos signos, mas principalmente a transparência e a ocultação dos processos. Nesse enfoque, não há dúvidas de que o ciberespaço – com seus processos de construção colaborativa em rede ou jogos interativos – surge efetivamente como terreno ideal para o experimentalismo literário.

Efetivamente, o maior ou menor grau de envolvimento do eu do poeta no processo de criação tem oscilado, desde os primórdios da produção lírica ocidental, entre uma expressão direta, subjetiva e confessional a um distanciamento entre este e o objeto de sua poesia, quando o texto surge como entidade autônoma. Nesse estágio, estaríamos no nível da metapoesia ou da “poesia da poesia”, que predominou nos anos 50 e 60. O último grau seria o da infopoesia, que conta com utilização simultânea de signos verbais e não-verbais para, por meio de ferramentas e interfaces, criar estruturas poemáticas de alta complexidade visual, que se manifestam simultaneamente nos níveis semântico, sintático e estrutural.

No Brasil, de acordo com Antônio (2010), a data de novembro de 1960 marca a publicação do “Poema Elétrico”, de Albertus Marques (1930-2005), como o início da experiência poética em meios eletrônicos, sendo a obra “Le Tombeau de Mallarmé”, de Erthos Albino de Souza (1932-2000), uma coletânea de dez poemas, considerada a primeira produção brasileira em mídia eletrônica.

Em Portugal, não seria diferente: os primeiros “ismos” de vanguarda trouxeram a inquietação e a ebulição de novas tendências, evidentes no simultaneísmo/futurismo de Almada Negreiros, no sensacionismo/interseccionismo de Fernando Pessoa, entre tantos outros. Mas o processo de renovação estética só irá se consolidar bem mais tarde, com o surgimento de uma vanguarda tardia, entre as décadas de 1950-60, pelo experimentalismo poético de Ana Hatherly, Herberto Helder e E. M. de Melo e Castro, que lançará as bases da poesia contemporânea. Esse movimento ficou conhecido como Poesia Experimental Portuguesa e produziu lírica de alta voltagem estética, que tem seu desdobramento em novas criações digitais, nas modalidades da videopoesia, da infopoesia, da clip-poesia, do poema-objeto, entre outras formas de interartes.

Ademais, rompendo com a literatura oficial e acadêmica da época, em sua tendência clássica dominante, a poesia experimental (concreta, visual, sonora ou cibernética) não se ressentia de menos estruturação, menos elaboração ou menos rigor estético. Porém, reage sistematicamente a todo o academicismo, ao saudosismo literário e ao ranço do decadentismo-simbolismo da poesia tradicional. De acordo com o web-poeta e pesquisador Rui Torres, coordenador do CECLICO, Centro de estudos que desenvolve o já citado projeto pioneiro de catalogação e digitalização dessa poesia (o PO-EX 70/80), “mais do que uma literatura marginal, a poesia experimental tem sido uma literatura marginalizada pela cultura literária, pois o experimentalismo promove o desrespeito às leis clássicas, a novidade nas técnicas ou nos motivos, a contaminação dos gêneros, a complicação estrutural e pelo marketing literário”. (TORRES, 2010)

A poesia experimental se aventura, desse modo, à superação dos limites da teorização dos gêneros, apresentando uma atitude transgressora face às convenções dominantes e gramáticas específicas. Efetivamente, a partir dos anos 50, deu-se por encerrado o ciclo histórico do verso enquanto unidade rítmico-formal, abrindo caminho para uma renovação da comunicação estética e a consequente desmontagem do discurso literário (RISÉRIO, 1998). A partir desse momento fecundo de experimentação poética, com o advento das novas tecnologias, foram surgindo outras produções ainda mais criativas e dinâmicas: os hologramas, de Augusto de Campos (1983), projetados com laser em 3D, os poemas fonéticos e cinéticos (Mike Waver, 1996), e mais recentemente, com a socialização da internet, os ciberpoemas, os clip-poemas, a videopoesia, a poesia digital de Augusto de Campos, Arnaldo Antunes, Rui Torres e Ernesto M. de Melo e Castro, entre outros. Desde então, o cenário constituído estabelecerá relações novas entre a Cibercultura e a poesia luso-brasileira

contemporânea, a exemplo das complexas e ricas experiências da poesia surrealista, da concreta, do cubofuturismo, da poesia experimental portuguesa e, mais recentemente, da Ciberliteratura.

Segundo Barbosa (2001a), a Criação Assistida por Computador (CAC) equivale a um tipo de “gramática da fantasia” que nos permite *criar*, por meio do computador (C), a partir de um repertório de sinais (S) e um número finito de regras (R) combinatórias e um algoritmo (programa) – um simulador de imaginação – que determinará que sinais ou regras serão selecionadas de cada vez. É esse trinômio –  $C=I(S+R)$  – que define o Programa Estético na Inteligência Artificial (AI) ou na Literatura Gerada por Computador (LGC). As possibilidades de criação nesse formato são ilimitadas, a exemplo de textos mínimos repetitivos, criados a partir de um sintetizador de textos (SINTEXT), como em “Litania Eletrônica 3”, de Barbosa (2001b), cuja permuta dos termos permitiria ultrapassar os 362.880 versos:

Figura 1 – Litania eletrônica 3

<p><b>Litania eletrônica 3</b>  MORRE NO SILÊNCIO DO INFINITO A VIAGEM DA PALAVRA  NASCE NO CANSAÇO DA PALAVRA O MEDO DO INFINITO  NASCE NO CANSAÇO DO INFINITO O MEDO DA PALAVRA  MORRE NO CANSAÇO DA PALAVRA O SILÊNCIO DO INFINITO  MORRE NA VIAGEM DO CANSAÇO A PALAVRA DO MEDO  NASCE NA VIAGEM DO CANSAÇO O MEDO DA PALAVRA  MORRE NO SILÊNCIO DO MEDO A PALAVRA DO CANSAÇO  NASCE NO MEDO DO SILÊNCIO A VIAGEM DO CANSAÇO  .....</p>
---

Fonte: (BARBOSA, 2001b, p. 7)

Como é possível perceber, com uma velocidade vertiginosa, a máquina pode desenvolver até a exaustão o algoritmo combinatório, partindo apenas dessa pequena frase. Seria isso válido como uma possibilidade de leitura e produção, na qual a capacidade produtiva da máquina se nos impusesse um exercício de interpretação? É evidente que limitar a poesia digital a meros exercícios textuais seria tão somente delimitar um formato, e o espaço cibernético pode nos oferecer muito mais. No entanto, a experiência de criação é válida e nos conduz a uma reflexão sobre as reais possibilidades que o virtual pode nos oferecer: a criação da ópera eletrônica, da hiperficção, dos *mouse-poems* (poemas gerados aleatoriamente pelo movimento do cursor sobre a tela), dos vídeos interativos e games, entre outros.

Também o mundo da imagem se alterou completamente. Os recursos de multimídia e a interação de linguagens, os recursos de animação e tridimensionalidade, além dos exercícios

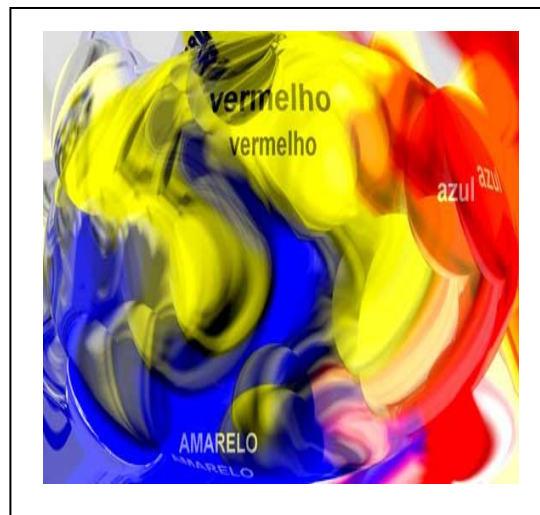
de simulação e de realidade aumentada causaram uma significativa revolução na construção imagética. Na infopoesia, outra geometria de coordenadas e formas variáveis se faz necessária: uma geometria em que a transformação seja em si própria um componente estrutural. Tal geometria pode ser iniciada, considerando-se como formas variáveis a *dobra*, a *espiral* e a *mola*, dentro de um espaço bi ou tridimensional, já que no espaço bidimensional da tela do computador se podem fazer representações tridimensionais. É assim que na videopoesia de um E.M. de Melo e Castro, encontramos *formas em 3D* e *fractais* – construções imagéticas baseadas na dobra (simultaneidade do côncavo e do convexo, do interior e do exterior, de cima e de baixo), na espiral (movimento circular sobre um eixo, fluidez/instabilidade e dinâmica da matéria) e da mola (movimento de cístole e diástole, de trepidação e transformação plástica). Esses elementos compõem a poesia digital contemporânea. Esta, porém, é ainda uma produção que não permite a interatividade, restringindo a participação do utente/leitor a uma proposta ainda limitada de leitura, como demonstram as criações visuais de E. M. de Melo e Castro, disponíveis no sítio do autor ([www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro)), a exemplo dos *Pinturais* e Infopoemas, denominados “Multiesférico” e “Primárias Cores”:

Figura 2 – Multiesférico (EMMC)



Fonte: [www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro)

Figura 3 – Primárias Cores (EMMC)



Fonte: [www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro)

Os *Pinturais* são produções do autor que se colocam a meio-caminho entre a arte plástica e a poesia, definidas pelo trabalho estético-formal com o pixel, que, nesse caso, se transforma em “unidade semântica” mínima de uma linguagem, a digital. Esse tipo de produção, conquanto não se defina, ainda, no âmbito dos estudos literários, a qual “gênero”

possa pertencer, uma vez que se trata de certo gênero híbrido, que transita entre a arte plástica e visual e a literatura, podemos, ao buscar interpretar esse fenômeno expressivo, nos reportar ao que Higgins (1984) denominava de produção “intermédia”. Definindo o termo, assinalava o crítico: “Quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam *intermedia*. Diferem de meios mistos, sendo inseparáveis na essência da obra de arte” (HIGGINS, 1984, p. 138). No cenário atual da Hipermédia, encontramos criações que se aproximam dessa proposta, a exemplo dos Scriptpoemas e Flashpoemas, muito frequentes nas criações digitais de Arnaldo Antunes, Rui Torres e Antero de Alda, nas quais se dá o fenômeno da “convergência de mídias”, assim definido: “a *convergência de mídias* se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligadas pelo conteúdo” (PELLANDA, 2003, p. 96 /grifo do autor/).

Algumas criações da poesia visual e concreta brasileira, além dos experimentalismos formais dos poetas portugueses, em que a interação de linguagens compõe, em estruturas de tendência ideogramática, novas formas e fatos estéticos do poema, apontam para a ruptura dos processos tradicionais e conservadores de composição poética. Como exemplos, temos as produções visuais do poeta Antero de Alda como “Vocabulário de Inverno”:

Figura 4 – Vocabulário de Inverno (ANTERO DE ALDA)



Fonte: [www.anterodealda.com](http://www.anterodealda.com)

Entretanto, essa postura, que não é apenas formal ou retórica, mas, sobretudo, epistemológica, se fará sentir ainda mais acentuadamente nas criações hipermédia mais recentes, quando as condições de produção e recepção da mensagem no novo sistema

comunicacional da cibercultura mudaria radicalmente. No dizer remissivo de McLuhan (2008, p. 21): “o meio é a mensagem”, é preciso reconhecer que desde esse início ainda incipiente das poéticas digitais, o livro já não era o meio adequado para dar conta de todas as exigências estético-semióticas do que se criava naquele momento – o poeta passa a apresentar-se como o designer da linguagem, como sugerem os *Poemóviles* (de Augusto de Campos), a *Caixa Preta* (de Augusto de Campos e Júlio Plaza) e a videopoesia de *Nome* (de Arnaldo Antunes).

Efetivamente, na superação gradativa dos limites da página impressa, uma gama expressiva de produções digitais terá lugar no ciberespaço, pondo em questão as noções de visualidade, materialidade e reversibilidade dessas produções, na transposição do texto à tela. E, ainda, abrindo espaço à interatividade, como é o caso da hiperficção, da ópera quântica e da LGC (poesia gerativa), intensificaram-se muito as possibilidades de fruição estética. Nesse âmbito da criação poética luso-brasileira, reafirma-se ainda mais nossa convicção de que essas textualidades, oriundas de tecnologias digitais e hipermediáticas, difundidas por meio das redes de informação, abrem espaço para a interação estética dos diferentes códigos semióticos implicados nos textos artístico e literário. Sem dúvida, é preciso reconhecer que a materialidade dos significantes poéticos, manifestos no nível da expressão, contribui de forma significativa para uma complexidade de planos em que o verbal, o visual, o cinético e o sonoro se combinam, num jogo de simultâneo de atualizações (o cineverbivocovisual). Tal produção, que se transforma e multiplica a cada dia, (re)vela, em sua performance, abordagem e cadeia imagética, os construtos culturais e ideológicos de uma sociedade também em transformação, estabelecendo novos rumos da leitura, da produção estética e da apreciação da poesia.

### **Considerações Finais**

Diante das considerações desse trabalho, podemos ampliar nossa reflexão no sentido de reconhecer e fazer uso das muitas possibilidades que a *web* oferece no âmbito da textualidade digital para o ensino de literatura e a difusão da leitura de poesia. Isso porque o poder de recriar e operacionalizar simultâneas conexões no ciberespaço, sem ordem preestabelecida, gera a emancipação do usuário/leitor, que trilha os próprios caminhos e sente-se mais instigado a aprender e interpretar os assuntos, uma vez que pode utilizar não só a página impressa, mas diversas outras mídias que viabilizam e enriquecem o processo de leitura.

Nesse contexto de leitura virtual e da hipermídia, nossa atuação pedagógica como pesquisadores na área do ensino da literatura nos impulsiona a explorar os recursos retóricos da poesia na página virtual, a fim de constatar em que níveis essa nova experiência de criação poética afeta a relação autor-leitor e a própria apreensão da literatura. E esse é o que trabalho que temos desenvolvido em experiências com alunos e professores da Escola Básica, na região centro-oeste do Brasil, por meio dos projetos da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia e da disseminação do Projeto PO-EX 70/80, junto às universidades brasileiras, escolas e eventos. Com esse trabalho, nosso empenho é o de trilhar os novos caminhos de pesquisa que o ciberespaço oferece, ampliando as perspectivas de mediação da arte literária, em suas mais diversas possibilidades de expressão nos veículos midiáticos.

### REFERÊNCIAS

AMARAL, L. Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários. In: AMARAL, Lilian; BARBOSA, Ana Mae (Orgs). **Interterritorialidade, mídias e educação**. São Paulo: Senac, 2008. pp. 45-61.

ANTÔNIO, J.L. **Poesia digital**: teoria, história, antologias. São Paulo. Navegar Editora, 2010.

BARBOSA, João Alexandre. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986

BARBOSA, Pedro. **A ciberliteratura**: criação literária e computador. Lisboa: Cosmos, 1996.

\_\_\_\_\_. A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. **Revista da UFP**. Porto, UFP, v. 1, n. 2, maio/1998. Disponível em: <<http://pedrobarbosa.net/artigonline.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. O computador como máquina semiótica. In: **Revista de Comunicação & Linguagens**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, n. 29, abr./2001a. Disponível em: <[www.pedrobarbosa.net](http://www.pedrobarbosa.net)>. Acesso em 20 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Ciberliteratura, inteligência artificial e criação de sentido. Conferência. **Anais do Simpósio Internacional Fronteiras da Ciência**. Porto, UFP, out/2001b. Disponível em: <[www.pedrobarbosa.net](http://www.pedrobarbosa.net)>. Acesso em: 20 set. 2011.

\_\_\_\_\_. Aspectos quânticos do cibertexto. **Cibertextualidades**, v.1, Porto, Pt. 2006. ISSN: 1646-4435.

CHARTIER, R. **A aventura do livro – do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.



CASTRO, Ernesto Manuel Melo e. Uma transpoética 3D. **Revista Internacional de Poesia – Dimensão**, Uberaba, volume 29, p. 415-494, 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma poética do pixel**. Curso de Infopoesia, Semiótica e Comunicação. PUC-SP, 1997. Disponível em: <[www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames\\_textos.htm](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames_textos.htm)>. Acesso em 15 ago. 2008.

FINIZOLA, F. **Poesia concreta contemporânea: novas interferências no meio digital**. P&D Design. São Paulo, 2004.

HAYLES, N. K. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. São Paulo: Global. 2009.

HIGGINS, D. **Horizons. The Poetics and Theory of the Intermedia**. Carbondalle and Edwardsville: Southern Illinois University Press. 1984.

HOBBSAWN, E. J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura?** São Paulo. Editora 34. 1999.

MOURÃO, J. A. **Textualidade Eletrônica: literatura e hiperficção**. Lisboa: Nova Vega, 2009.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). São Paulo: Cultrix, 2008.

PADIN, C. **Interação e Poesia Virtual**, 2002. Disponível em: <[www.palavreiros.org/criticaliterariainteraçãopoesiavirtual.html](http://www.palavreiros.org/criticaliterariainteraçãopoesiavirtual.html)>. Acesso em: 17 jul. 2013.

PELLANDA, C. E.. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento. In CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, BH/MG. **Anais Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte: PUC/MINAS, 2003, s/p. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2014.

RISÉRIO, A. **Ensaio sobre o texto poético em contexto digital**. Bahia: COPENE, 1998.

TORRES, R. **Poesia em meio digital: algumas considerações**. Porto: Edições UFP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada**. *Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa*, Porto, 2010. Disponível em: <http://poex.net>. Acesso em: 05 ago. 2011.